

Entre Socialismo Utópico e Socialismo Real

Segundo Friedrich Engels (1872), a única experiência socialista que deu certo foi o “Famelistério de Godin”, em Guise no norte da França. Seu realizador foi Jean-Baptiste André Godin, contemporâneo de Karl Marx. Godin nasceu em 1817, um ano antes de Marx. Era filho de um artesão, fabricante de fogões. Aos 18 anos viajou pela França e comoveu-se com a pobreza da classe operária. Em 1840, trabalhando na oficina do pai, patenteou sua invenção, uma liga de ferro batido que permitia variar a forma e o funcionamento dos fogões e instalou sua própria usina em Guise, empregando 35 operários. Godin manifestou simpatia com a Revolução de 1848, descrita por Marx em sua “Luta de classes na França”, mas nunca apoiou a idéia da desapropriação de bens. Em 1859, comprou 18 hectares de terras no município de Guise, e deu início à construção do que chamaria de “Famelistério”. Traçou o projeto arquitetônico e social do complexo de prédios, “solidamente construídos sobre uma idéia”, inspirada no socialista utópico Charles Fourier (1772-1830). O termo “Famelistério” alude ao “Falanstério” do autor de “A harmonia universal e o falanstério” (1848). O nome de “Palácio Social” surgiu com a concretização gradual e sistemática dos objetivos sociais de Fourier, Owen e Saint-Simon. Para Godin, “O Palácio Social não é simplesmente um abrigo superior à casa isolada do operário, é o instrumento do bem-estar, da dignidade individual e do progresso.” Com seu espírito empresarial, os lucros crescentes de sua empresa e sua vontade de melhorar as condições de vida e de trabalho da classe operária, Godin concretizou uma experiência socialista de fazer inveja. O Famelistério de Guise funcionou por 100 anos (1859 a 1968); a experiência soviética mal completou 70!

Em 1867, quando Marx lançava seu *Das Kapital*, Godin realizava a primeira grande “Festa do Trabalho” no Famelistério de Guise, concluída a ala esquerda e central do prédio. Em 1860 deu início ao projeto das caixas de previdência social; em 1862, instalou a escola obrigatória (até 14 anos) para todos os falansterianos, gratuita, laica e mixta. Em 1869 foi concluída a construção do teatro e da piscina para todos. A ala direita foi concluída em 1877; entre 1882 e 1883 (data da morte de Marx) dois outros prédios com 500 alojamentos foram inaugurados. Em 1878 Godin introduziu a jornada de trabalho de 10 horas, quando o usual ainda eram 14 a 16 horas diárias.

Godin não teve a simpatia dos socialistas marxistas porque não aboliu a propriedade privada e porque defendeu, apoiado em Saint Simon, a sociedade dos patrões e trabalhadores, formalizada em Guise na “Associação Capital/Trabalho” em 1880. Convencido da validade desse princípio, Godin foi morar no Famelistério nas mesmas condições de seus trabalhadores. Quando sua primeira mulher negou-se a morar no Famelistério, separou-se dela. Passou a viver em seu “palácio” com seus operários, até encontrar, Marie Moret, que abraçou os seus ideais e passou a organizar o berçário, a creche e o jardim de infância do Famelistério.

A fascinação da guia que explicou o funcionamento até hoje (2002) do Famelistério, era partilhada por um antigo familisteriano, Gilbert Noisette, que salientou a organização da vida social até os mínimos detalhes, enfatizando a saúde e a higiene e criando as condições sociais e políticas para uma vida em comunidade solidária, sem abrir mão da privacidade familiar e da individualidade. Para evitar o frio do inverno havia os aquecedores “Godin” para cada um dos ambientes. Para refrigerar as alas cobertas no verão, havia bueiros que liberavam o frio das caves e porões fechados durante o inverno. Os apartamentos tinham iluminação a gás, água potável e lavabos. Havia WCs coletivos em cada andar, mantidos limpos por faxineiros da comunidade. As roupas eram lavadas em lavanderias coletivas com água (quente e fria), liberada pelas oficinas dos altos fornos. Essas águas ainda alimentavam a piscina aquecida e os chuveiros coletivos.

A essência do projeto social de Godin consistia em repassar os lucros que provinham do trabalho assalariado para os próprios operários, garantindo-lhes uma moradia confortável, a satisfação das necessidades pessoais (roupa, comida, bens de consumo), cuidados médicos, instrução e lazer. Para que os salários não fossem desfalcados pelos comerciantes de Guise, Godin fez instalar no Famelistério lojas especializadas (os “economatos”) a preço de custo, como padarias, açougues, leitarias, um restaurante, um café, um cassino, sala de jogos e até mesmo uma cervejaria. Para o lazer havia além da piscina um parque com área verde de 6 ha.

Françoise Choay, a autora da antologia, *Urbanismo, utopias e realidades* (1965) selecionou o trecho da obra de Godin que se refere à educação das crianças, começando com o berçário e passando para o “pouponnat”, o “bambinat” e assim por diante. O teatro servia como uma espécie de “ágora”, de palco dos debates políticos entre os moradores do familistério, garantindo práticas democráticas e

exercitando a comunicação entre os diferentes grupos de moradores. Servia também para as assembleias operárias, as votações, balé, noites musicais e teatrais, entre outras.

O sucesso desse modelo de cidade operária dependia do sucesso econômico dos produtos da usina: fogões de cozinha e fogões de aquecimento. Godin não era nenhum adepto da ideologia rousseauista de “volta ao campo”, inimigo da tecnologia. Bem ao contrário, admirava e queria o progresso, que para ele estava garantido pelo desenvolvimento industrial e pela inovação tecnológica permanente. Graças ao seu talento empresarial à sua inventividade, (patenteava frequentemente seus produtos para combater os plagiários), Godin conseguiu financiar o projeto socialista com os rendimentos e lucros de sua empresa. Os fogões Godin passaram a ser exportados para o mundo inteiro, assinalando grandes sucessos de venda. Deste modo, o Familistério de Guise conseguiu resistir à concorrência de outros produtores europeus e dos Estados Unidos e do Canadá. A empresa sobreviveu até mesmo a seu idealizador, J.B. André Godin, que ao morrer em 1888 já havia transferido a propriedade da usina para a “Associação do Capital/Trabalho”, uma espécie de cooperativa dos operários acionistas. Esta autogeriu a usina até 1968. Hoje, transformada em Sociedade Anônima, ela emprega perto de 300 operários. O Familistério propriamente dito, está sob os cuidados da União Européia, desde 1991, sendo considerado patrimônio da humanidade. Nele ainda vivem cerca de 300 famílias, antigos herdeiros da época da “Associação do Capital/Trabalho”.

Saí do Palácio Social de Godin pensando que não deveríamos considerá-lo simplesmente uma relíquia do passado. Depois das questões em aberto deixadas pela Cúpola de Johannesburgo (26.8 – 4.9.2002), talvez deveremos vê-lo como uma lição de vida e mesmo como inspiração para novas formas de desenvolvimento sustentável. Pois, pensando bem, o Familistério de Godin, (I) viabilizou um *novo modelo político-democrático*, praticando a auto-gestão de uma empresa em que os próprios operários passaram a ser os proprietários, (II) introduziu um novo *modelo econômico-social*, combinando competitividade internacional com benefícios sociais, provando assim que o caminho da globalização excludente não é o único possível e viável a ser seguido no futuro; (III) *antecipou um raciocínio ecológico*, evitando desperdiçar recursos escassos e não renováveis do nosso planeta; (IV) *praticou a tolerância religiosa* com ausência de qualquer moralismo e (V) *deu uma lição aos marxistas ortodoxos*, mostrando que “utópico” era o tipo de sociedade preconizado pelo Manifesto Comunista, enquanto o projeto comunitário posto em prática no “Familistério” de Guise era mais que “realista”!

Brasília, 2 de outubro de 2002

Barbara Freitag